

Stanley Gordon West

ONDE MORA A CORAGEM



ARQUEIRO

Para meu pai e minha mãe

*Como foram capazes de manter a chama acesa,
com as poucas lascas de madeira que receberam?*

ALDONZA: O senhor falou de um sonho. E da Busca!

DOM QUIXOTE: Busca?

ALDONZA: De como é preciso lutar, e não importa vencer ou perder, desde que se prossiga na Busca!

DOM QUIXOTE: As palavras. Diga-me as palavras!

ALDONZA (*falando no ritmo da música*):

“Sonhar o sonho impossível...”

Ora, mas são suas próprias palavras!

– de *O homem de La Mancha*

LIVRO I

CAPÍTULO 1

Sam Pickett sabia que o problema havia começado naquele dia da exposição Estadual, quando a loucura piscara para ele. Mesmo sendo um menino de apenas 10 anos, tivera o estranho pressentimento de que, em algum lugar daquele reino sombrio em que são selados os destinos, sua vida tinha sido irremediavelmente fadada ao azar.

Numa tarde do final de agosto, enquanto os alunos ainda estavam de férias, Sam se debruçou sobre sua mesa, acertando os detalhes de um plano de aulas para novembro:

Usar versão cinematográfica de O homem de La Mancha na parte referente ao romance Dom Quixote, de Cervantes... primeira metade do filme neste período, com tempo para debate. Tarefa para casa: ler as primeiras dezoito páginas da biografia de Cervantes. Introduzir tema: O problema da aparência e da realidade.

Levantou os olhos dos planos de aula, cheios de orelhas nos cantos. O sol já estava baixando e lançava sua luz de viés pelos janelões da sala de aula que davam para o oeste, indicando o fim de mais um dia. Sam continuava achando sua vida estranha, lecionando no ensino médio naquela esquecida cidadezinha de Willow Creek, em Montana.

Um caminhão de fazenda caquético, carregado de fardos de feno, passou chacoalhando pela frente da escola e emitiu um barulho alto de escapamento. Sam se assustou. Maldito cano de descarga entupido! Sam foi tomado por uma sensação sufocante e respirou com dificuldade. Olhou fixamente para o quadro-negro, manchado pelos raios de sol, que se infiltravam por entre as folhas de choupo.

Seu pensamento voltou àquele dia, àquela tarde de sexta-feira. Ele tinha buscado Amy na escola em que ela lecionava. Os dois estavam animados e contentes, ansiosos pelo fim de semana que passariam juntos.

Sam parara na longa fila de carros para o guichê de atendimento. Amy tinha dito que seria mais rápido comprar a batata frita no balcão, então jogara-lhe um beijo, entrando depressa na lanchonete. Era uma corrida para ser atendido primeiro, e Sam torcera para que ela ganhasse, assim veria sua expressão encantadora e seria recompensado por seu riso de menina. Ele sentira uma onda

de felicidade ao pensar nas brincadeiras que os dois costumavam fazer, como o esconde-esconde no apartamento às escuras, os dois nus.

Do carro, ouvira o som abafado, que se repetiu uma vez, e mais outra. Um escapamento entupido? Não dentro de um prédio! Ele saíra correndo do carro, esbarrando nas pessoas apavoradas que corriam porta afora, fugindo do Burger King. Lá dentro estava um caos, as pessoas gritavam loucamente, rastejavam para baixo das mesas e se jogavam para trás dos balcões. Sam procurara desesperadamente o rosto de Amy, e então a vira. Ainda segurando o saco de batatas fritas numa das mãos, ela fora lançada no piso de azulejos, mutilada. Partes dela estavam espalhadas sobre a parede, fragmentos de sua cabeça, pedacinhos de cérebro e osso, pele e cabelo, escorregando pelo aço inoxidável num mar de sangue.

Sam tinha se ajoelhado ao lado de Amy e puxado delicadamente seu cabelo preto e comprido por cima da mutilação, como se isso pudesse restabelecer o crânio esfacelado. Tinha segurado sua mão, a que estivera agarrada às batatas fritas que, em tom de brincadeira, ela havia insistido em buscar para o marido. Em meio ao caos, um homem de cabeça branca se ajoelhara ao lado dele.

– Ela não pareceu sentir medo – comentara o senhor, balançando a cabeça devagar. – Olhou direto para ele e disse: “Não, por favor.” Aí ele apertou o gatilho.

Sam havia fitado os olhos azuis e lacrimejantes do desconhecido, como se buscasse uma explicação.

– Ela era sua mulher? – perguntara o homem ajoelhado no sangue.

Sam tinha confirmado com a cabeça. Não conseguia respirar, a sala rodava. Cinco minutos antes, a vida dele estivera cheia de alegria e expectativas.

– Ah, meu Deus, ah, meu Deus – gemera.

O homem tinha posto a mão em seu ombro.

– Por que eu entrei na Elliot? Podíamos ter ido por outro caminho, parado noutro lugar – lamentara Sam.

Era como se Amy tivesse sido atraída para a detonação da espingarda por um destino inevitável, que Sam fora incapaz de impedir. Ele ficara com os olhos cravados na cena macabra, no sangue, nos fragmentos de osso e carne.

O caos continuara, mas Sam havia permanecido ao lado de Amy no chão. Não sentira medo, torcendo para que o maníaco voltasse e, apertando mais uma vez o gatilho, despachasse-o para junto da mulher. De algum lugar em seu íntimo, ouvira as palavras *O Senhor dá e o Senhor tira*. Será que Deus o tinha cutucado para que escolhesse um caminho diferente para casa? Teria sido Deus que aticara a impaciência de Sam com o trânsito engarrafado? Se Deus tivera alguma coisa a ver com aquilo, a vida era um matadouro.

Quando a tristeza surgira na vida feliz de Sam, o abismo se abriu sob seus pés e ele havia caído. Em queda livre, tinha estendido a mão instintivamente e agarrado alguma coisa, não sabia quem ou o quê. Ficara pendurado ali, tentando recuperar o fôlego, tentando normalizar as batidas do coração, oscilando sobre as trevas.

A cidade que ele amava se tornara cinzenta: as árvores, a zona portuária, sua sala de aula, os amigos, os shows e as peças teatrais, os bulevares e prédios encantadores. A tristeza tomava conta dele. Sam tinha largado tudo e fugido.

No momento, vinha aguentando firme, mas sabia que tinha de descobrir a que se agarrava, e precisava encontrar uma razão para continuar a se segurar, caso contrário entregaria os pontos, desistiria, cairia no imenso buraco negro e se perderia.

– Pickett!

A voz o assustou, arrancando-o de seu transe. Truly Osborn estava parado à porta. Sam prendeu a respiração.

– Pelo que vejo, está pegando firme no batente – disse Truly, aproximando-se com passos ligeiros da mesa do professor.

– Sim – respondeu ele, levantando-se, com um leve desequilíbrio.

– Quisera eu que alguns outros professores fossem conscienciosos assim. Quando eu era diretor da escola de Great Falls, as coisas eram diferentes, pode crer.

Truly deu uma espiada nas paredes, que Sam enchera de citações e cartazes sobre filmes, livros e musicais.

– Eram 76 professores sob a minha direção, 76. Eu sabia dar conta de cada clipe de papel. Não se pode esperar disciplina aqui neste fim de mundo.

Então torceu o nariz, como era seu hábito.

– Isso tudo é necessário? – indagou Truly, apontando para a parede. – É tão... desorganizado.

Sem lhe dar tempo para responder, virou-se para Sam, que se acomodara na cadeira, o coração ainda em disparada, engolindo em seco e tentando prestar atenção ao diretor.

– Pois bem, uma noite dessas, a diretoria da escola quase acabou com o programa de basquete. John English manifestou a frustração e a vergonha que todos sentimos em relação ao time, mas, graças à persistência do desmiolado Wainwright e daquele lacaio dele, Ray Collins, resolveram continuar por mais um ano. Já imaginou?

Sam baixou os olhos para o plano de aula e os fixou no *Problema da aparência e da realidade*. Estava perdido. De algum modo, a voz de Amy se fez ouvir, baixinho, serena.

Truly continuou a falar e suas palavras finalmente penetraram na mente do professor.

– ... mas eles reconhecem como tem sido duro para você treinar o time nestes últimos cinco anos, o tempo gasto e as viagens, Deus sabe que por muito pouco dinheiro extra. Estamos dispostos a transferir essa tarefa para o Sr. Grant, o novo professor de matemática. Vamos torcer para que seja apenas por mais um ano. Devemos fazer essa infelicidade circular um pouco.

Sam teve vontade de protestar, de se oferecer para outro ano. Pelo menos, o programa de basquete preenchia muitas horas durante os meses de inverno, e ele não sabia como haveria de lidar com todo aquele tempo ocioso, sem nenhum compromisso.

– Ah, e a diretoria pediu que eu lhe agradecesse pelo modo como você aguentou firme, mesmo que nunca tenha conseguido vencer um jogo.

Sam captou o sarcasmo nada sutil. O diretor voltou a torcer o nariz feito um coelho.

– Eles são gratos pela sua... tenacidade. O Sr. Grant pode levar adiante essa comédia ridícula com os meninos.

Então levantou a mão para a parede da sala:

– Veja se consegue dar uma arrumadinha nisso.

Em seguida, virou-se e saiu.

“*Idiota pomposo*”, pensou Sam.

Depois levantou-se, vacilando um pouco, ainda com dificuldade para respirar. Fechou a persiana, escurecendo a sala. A referência cruel de Truly aos esforços do time como uma “comédia” o fizera contrair-se, e ele admitiu que, no fundo, tinha desejado vencer nem que fosse apenas um jogo, pelos meninos, pela cidade. Embora o máximo a que havia chegado no basquete tivesse sido jogar no time do ensino médio, Sam acreditava ser competente como professor de inglês. Como treinador de basquete, tinha um escore de 0×87 . Será que isso não era uma espécie de recorde mundial, uma esquisitice digna de constar do *Guinness*? Mais ainda, o escore do time era 0×93 , porque perdera também as últimas seis partidas da temporada anterior à chegada de Sam. Devia ser excepcionalmente difícil perder 93 jogos seguidos, sem que alguma lei da natureza entrasse em ação para reequilibrar a desigualdade – algo como fazer todo o time adversário ter uma diarreia por triquinose no meio do terceiro quarto, ou ficar vesgo durante todo o segundo tempo do jogo.

Na verdade, o que Truly via como uma comédia ridícula tinha ensinado o significado de heroísmo a Sam. Heroísmo não era jogar com empenho, tendo uma

chance de ganhar, uma chance de receber a aclamação e os elogios pela vitória. O verdadeiro heroísmo era recusar-se a desistir quando não havia qualquer chance de vencer. O verdadeiro heroísmo consistia em dar tudo de si diante da derrota absoluta. Sam achava que aqueles meninos, de quem alguns tinham pena, estavam aprendendo a lição mais cedo que a maioria, aprendendo que a vida era uma sucessão de perdas.

Sam juntou várias pastas que estavam na mesa, pensando, inquieto, em como preencheria aquele novo espaço de tempo ocioso. Observou por um momento os planos de aula e os largou sobre a mesa. Apanhou seu exemplar surrado de *Dom Quixote* e saiu da sala. Leria de novo as oitocentas e tantas páginas; isso deveria ocupá-lo por alguns dias, pelo menos.

Saiu às pressas pelo corredor, desceu um lance de escada e cruzou a porta de entrada. A quadra de basquete em frente à escola estava vazia no calor de fim de tarde. A oeste as montanhas tremeluziam, e o aroma adocicado da alfafa recém-cortada encheu-lhe as narinas no caminho para sua casa alugada. A cidadezinha se estendia por uma rua de uns oito quarteirões, com a escola situada na extremidade sul e, no meio, a casa térrea de Sam – pela qual ele pagava um aluguel mensal de 200 dólares.

Rip, o morador mais velho de Willow Creek, veio arrastando os pés pela rua em direção a ele. Os suspensórios do homem esquelético pareciam puxá-lo cada vez mais para baixo, para dentro das calças.

– Olá, Rip – cumprimentou Sam, diminuindo o passo quando se cruzaram.

– Oi, treinador – disse Rip, abrindo um sorriso desdentado. – Este ano, pelo amor de Deus, a gente chega lá, não é?

– Sim, é claro – respondeu Sam, tentando não soar sarcástico.

Ainda o deixava admirado que Willow Creek – com um total de dezoito ou dezenove alunos matriculados em todas as turmas do ensino médio e, no ano anterior, uma última série composta de três estudantes – conseguisse, de algum modo, manter um time de basquete e competir nos jogos da liga estadual. A escola, cujo maior feito atlético era pôr em quadra cinco adolescentes capazes de ficar de pé e respirar, não tinha vencido uma única partida em mais de cinco anos, fazendo descer um manto negro sobre a vida dos que se identificavam com a comunidade e seu time. Era praticamente uma sangria, aprovada pela Associação de Escolas do Ensino Médio de Montana.

Sam se virou para a entrada da casa, planejando a noite que teria pela frente: uma corrida e uma caminhada pelo circuito da ponte do rio Jefferson, banho, jantar, uma hora de televisão, depois ler até dormir. Entrou na varanda rangente,

abriu com um empurrão a porta mal encaixada na moldura e rezou para conseguir manter afastada a visão da tarde, até fugir para as sombras turvas do sono.

Embora detestasse admitir isto para si mesmo, tinha medo de dormir e pavor de acordar de manhã com a lembrança daqueles sonhos implacáveis. Em algum canto de sua mente, a voz de Amy ressoava ao acaso em momentos variados do dia e da noite.

Ele também era assombrado pela lenda indígena que ouvira pela primeira vez ao chegar a Montana. Ao longo do rio Yellowstone, perto da atual cidade de Billings, acampavam membros da tribo dos *crows*. Um dia, ao voltarem de uma longa expedição de caça, seus guerreiros haviam encontrado o acampamento dizimado pela varíola. Suas esposas, mães, filhos, todos mortos. Dominados pela tristeza e certos de se reunirem a seus queridos familiares em outro mundo, eles colocaram vendas em seus pôneis, montaram e saltaram com eles de um despeñadeiro de quase 20 metros de altura.

Cinco anos depois de perder Amy, Sam ainda se identificava com esses guerreiros *crows* que não tinham suportado viver sem as pessoas que mais amavam. Nunca admitiria para ninguém que pensava diariamente em vender seu pônei e cavalgar para o abismo ao encontro dela.

CAPÍTULO 2

Peter Strong esperou por Vó Chapman em frente ao café que funcionava também como terminal rodoviário em Three Forks, Montana. O divórcio dos pais dele, que abalou toda a família, fora seguido pela angústia de deixar a namorada e a zona de conforto que ele conhecia em Saint Paul, em Minnesota, e pegar um ônibus para o leste de Montana, onde passaria um pavoroso ano letivo em Willow Creek.

– Oi, vovó, como vai? – disse, vendo a avó se deslocar a passos lentos em sua direção, saindo da Kombi verde desbotada dela.

– Cozinhando, querido, estou cozinhando.

Já havendo notado a temperatura amena, sem o menor sinal da umidade do Meio-Oeste, Peter percebeu que a avó não se referia ao clima e que aquilo devia ser algum tipo de gíria do Oeste. Ela o abraçou, depois segurou-o com os braços estendidos, olhando-o como quem examinasse um filhote recém-nascido de cachorro, para conferir se não faltava nenhum pedaço. Fazia anos que Peter não via a avó e se surpreendeu com a aparência dela, além de seu jeito espalhafatoso. Vó

Chapman não tinha a mão esquerda, mas ele já sabia disso. A questão era a roupa. De calça Levi's e moletom surrado, com dizeres em letras pretas, tênis Reebok gastos, óculos de armação vermelha e chapéu masculino de feltro marrom na cabeça grisalha, quase branca, ela o fez lembrar os sem-teto que ele costumava ver em Saint Paul, deixando-o indeciso quanto a dar uma risada ou lhe entregar um dólar.

– Bem-vindo a Montana! – exclamou ela, quase aos gritos.

– Bem-vindo ao fim do mundo – disse Peter entre dentes, com uma olhadela para os três quarteirões que compunham o desanimado centro comercial de Three Forks. – Willow Creek é maior, não é?

– É menor.

– Impossível – rebateu Peter, tentando conter uma onda repentina de pânico e solidão.

– Você está bem crescido – comentou ela, dando-lhe um abraço e recuando para observar o cabelo do neto. – É assim que os leões jovens andam usando a juba na cidade grande?

– É, alguns.

Vó Chapman afagou-lhe o cabelo louro, curto dos lados, comprido no alto e atrás.

– Parece que o barbeiro começou o trabalho e você ficou sem grana. Está me lembrando os bosquímanos da *National Geographic*.

Ela deu um sorriso – triste, pensou Peter – e seu rosto pareceu uma luva de couro muito gasta. O corpo sem formas definidas como que arriava em direção ao meio: nem quadris nem curvas, só pernas, braços e a cabeça, brotando de um tronco levemente curvado e retorcido. A camiseta dizia:

ESTE PACOTE É VENDIDO POR PESO, NÃO VOLUME.

PODE TER OCORRIDO ALGUMA ACOMODAÇÃO
DO CONTEÚDO DURANTE O TRANSPORTE E O MANUSEIO.

– Você tem mesmo os olhos de sua mãe; as garotas vão ficar num agito só à sua volta.

– Eu tenho namorada.

– Foi o que ouvi dizer. Bem, nesse caso, é melhor botar uma viseira em cima desses lindos olhos azuis. Não quero você destroçando corações por aí.

Com a dor surda que carregara no peito por todo o trajeto desde Saint Paul, ele pegou a mala e a mochila. Ao menos uma coisa era boa, pensou: gostava dessa avó amalucada.

– Como está sua mãe? – perguntou ela, enquanto andavam para a Kombi.
– Não sei. – Peter queria que Vó Chapman perguntasse como ele estava. Era ele quem tinha sido despachado! – Divórcio é um saco.
– Imagino que não esteja sendo fácil para você.
– Tem gente que espera os filhos ficarem adultos. Por que eles não podem esperar?

– Não faço ideia.
– Eu sei me cuidar quando a mamãe viaja. Ela só fica fora uma semana de cada vez. E acha que sou um bebê, ou coisa assim.
– Sua mãe quer que você receba a atenção que merece.
– Eles só não querem mais é ter um garoto metido a besta por perto.
– Bem, nesse caso a sorte é minha, porque vou adorar ter você por aqui.

Uma picape vermelha empoeirada aproximou-se do meio-fio, chacoalhando, e parou a uma pequena distância deles.

– Ah, Peter, venha cá – chamou a avó.

Ela foi até o lado do passageiro da picape. Peter a seguiu e deparou com uma garota de enormes olhos azuis, sentada ao lado da motorista carrancuda.

– Olá, Sally. Quero que você conheça meu neto, Peter – disse Vó Chapman pela janela aberta. – Peter, esta é Sally Cutter – apresentou, apontando a motorista com o queixo. – E esta é a filha dela, Denise. Como vai, querida?

– Olá – cumprimentou a mulher, sem virar a cabeça para Peter.

Ele observou a menina por um momento. Os olhos vivos dela pareciam captar tudo, embora a cabeça balançasse de leve e um filete de baba pendesse de um canto da boca. Presa à picape por um tipo especial de cinto de segurança, ela emitiu um som gutural.

– Olá – disse Peter, e sorriu. Ele teve a impressão de que a mãe se envergonhava da filha.

Sem jeito, ele pegou a mala e a mochila e as jogou na Kombi. Um adesivo gasto, preso ao para-choque traseiro, dizia: “MANDE BRASA EM WILLOW CREEK, MONTANA.” Constrangido, Peter subiu no banco do carona e esperou as mulheres terminarem a conversa. Um minuto depois, sua avó se acomodou ao volante e girou a chave. Nada aconteceu.

– Ora, vejam só – comentou ela, tirando uma chave de fenda do porta-luvas.

– O que foi?

– Nada que eu não possa ajeitar.

Em instantes, ela saiu da Kombi, contornou-a e sumiu. Peter saltou e encontrou-a deitada no chão, debaixo do para-choque, apenas com os jeans e os tênis

projetando-se para fora do veículo. Ele se ajoelhou para espiar embaixo da caminhonete e, de repente, o motor deu a partida com um tranco. Vó Chapman deslizou no chão, levantou-se e sacudiu a poeira.

– De vez em quando acontece – comentou ela.

Os dois entraram no carro e foram roncando pela rua central, com o barulho de um motor que parecia rodar a 130 quilômetros por hora, quando o garoto sabia que não podiam estar a mais de 40.

– O que você fez? – perguntou à avó.

– Fiz pegar no tranco, tipo uma ligação direta.

Ele não fazia ideia do que era aquilo, mas disfarçou; não queria que a avó achasse que ele era um garoto idiota de cidade grande.

– Duas heroínas de Willow Creek – comentou ela, e Peter demorou a se dar conta de que se referia à mãe e à filha que ele havia acabado de conhecer.

– Elas moram em Willow Creek?

– Alguns quilômetros ao sul da cidade, nos morros em que o solo é muito pobre.

A solidão que Peter sentia lhe deu um nó na garganta; aquela mãe e filha o perturbavam.

– Por que são heroínas?

– Porque continuam jogando com as cartas que receberam na partida, ao contrário de umas pessoas que eu conheço.

– Que idade a garota tem?

– Uns 16 anos, mais ou menos a sua idade.

Peter teve vontade de lhe dizer que ficava apavorado ao ver alguém de sua idade daquele jeito, sabendo que poderia ser ele, mas havia aprendido por dolorosa experiência própria a não compartilhar essas coisas com ninguém.

– Você tem carteira de motorista? – perguntou-lhe a avó.

– Tenho.

– Já dirigiu carros com câmbio manual?

– Não, o nosso é automático.

– A Trilobita é quase automática – disse ela, pondo a mão direita sobre a alavanca de câmbio.

– Trilobita?

– É um fóssil encontrado nas pedras. Em matéria de carro, ela é quase tão fóssil quanto eu, e por isso nos respeitamos. Ela é de 1965, tem 25 anos, por isso espero que você a dirija com respeito.

– O papai diz que só hippies dirigem Kombis.

– É mesmo? E o que mais o seu papai diz?

- Ele acha você meio biruta, diz que é uma “hippie requeitada”.
- Bem, vindo do meu genro distante, vou aceitar isso como um elogio.

Os dois riram.

A casa da avó, de estrutura de madeira e um tom branco desbotado, ficava na Avenida Central, a meio caminho entre o restaurante Blue Willow e a escola, onde, explicou ela, os professores tentavam dar algumas luzes a alunos que iam do jardim de infância à última série do ensino médio, e a diretoria se posicionava anualmente para lutar contra o inevitável, como se combatesse a gravidade, e se agarrava à escola por mais um ano.

Vó Chapman o apresentou à sua família: um papagaio verde sarapintado, chamado Papagaio – cuja gaiola ela cobriu depressa, antes que a ave pudesse falar –, e seu gato de três pernas, Tripé.

- Achei-o no quintal dos fundos há um ano, um bicho perdido que ninguém reclamou. Doente, semimorto, com a perna direita esfrangalhada por algum animal feroz, ou por uma máquina ou uma armadilha de dentes de aço. Cuidei dele até ficar bom, depois que o veterinário amputou a perna inutilizada. Desde então, não desgruda de mim. – Levou o neto para a cozinha aconchegante e atulhada e acrescentou: – Você pode chamá-lo de Única Chance, se quiser.

- Por que Única Chance?

- Quando o levei ao veterinário, ele disse que o gato só tinha uma chance em um milhão e que talvez devêssemos simplesmente sacrificá-lo. Respondi que não: se ele tinha uma chance, o negócio era ir em frente.

Peter se sentou numa cadeira à mesa da cozinha e o gato malhado se achegou a ele, como se compreendesse instintivamente que ambos eram órfãos. A avó pôs um par de óculos maiores sobre o que estava usando e encaixou uma peça no quebra-cabeça espalhado sobre parte da mesa, na figura semiacabada de um barco a vela.

- Jogo bingo às terças e quintas, boliche nas tardes de quarta, faço aeróbica quase todas as manhãs diante da televisão, dou uma olhada nos brechós de garagem nos sábados de manhã, com a Hazel Brown, tomo café no Blue Willow uma ou duas vezes por dia... é aquele lugar por onde passamos ao entrar na cidade; assisto a reprises dos *Waltons* e organizamos uma partida de copas ou de uíste sempre que nos dá na telha, mas, em geral, fico à toa por aí.

Ela achou outra peça que se encaixava no quebra-cabeça e a ajeitou na posição certa com o polegar.

- Pela madrugada! – exclamou, olhando para o neto. – O que é que há comigo? Você deve estar morrendo de fome.

Tirou o par de óculos que ficava por cima do outro.

– Ah, droga, me esqueci outra vez!

Abriu um vidro de remédio junto à pia e jogou uma cápsula na boca, engolindo-a com um copo d’água.

– Estou sempre tendo que arranjar um médico novo.

– Por quê?

– Eles sempre morrem antes de mim.

Vó Chapman riu e tirou uma caixa de leite da geladeira. Peter notou um pequeno cartaz escrito à mão na parede: “ENQUANTO ELE FLUTUAR, EU COZINHO.” Não fazia o menor sentido.

Ela serviu um copo e o pôs na frente do neto.

– De que tipo de leite você gosta?

– Semidesnatado. Você está doente?

– Não, cruz-credo! Esse médico vive querendo que eu faça checkups. Bobalhão exagerado. Acha que estou com a pressão alta. – Soltou um risinho de desdém. – É que nunca viu uma mulher de 74 anos viva.

Não fazia meia hora que estavam em casa – tempo suficiente para Peter ser entupido de leite e um sem-número de biscoitos de chocolate recheados com creme – quando a avó o desafiou para uma partida de HORSE: eles se alternariam em lances livres e, a cada erro, um “ganharia” uma letra da palavra, até ser eliminado.

– Como assim? – perguntou Peter, assustado.

– Uma partida de basquete Horse. Vocês jogam Horse em Saint Paul, não é?

– Sim, mas...

– Então, pare de gaguejar e calce o tênis de basquete.

Ela abriu um armário, tirou uma bola novinha em folha e fez um passe rápido, que ele pegou mais por reflexo que por habilidade.

Meio perplexo, acompanhou a avó em silêncio por dois quarteirões da Avenida Central até o terreno da escola. Com uma olhadela em volta, percebeu que aquela parecia ser a única rua.

– Onde fica o resto da cidade? – perguntou.

– Você está olhando para ela.

– Nós temos shoppings maiores que isso.

– Sem as Tobacco Roots – disse ela, acenando para a imensa cadeia de montanhas a oeste –, o ar puro e a truta-feroz.

Anexo a um antigo prédio de tijolos de três andares, que de início Peter achou que devia ser a escola primária, erguia-se um ginásio de construção mais recente, com os dizeres CASA DOS BRANCOS E DOS PÔNEIS AZUIS, escritos num azul meio desbotado na parede à direita.

– Quem são os Pôneis Azuis? – perguntou.

– É o basquete feminino... mas não houve número suficiente de jogadoras para formar um time nos últimos cinco anos. Pode-se dizer que os pôneis azuis foram para o pasto em caráter temporário, se não permanente. – Vó Chapman fez sinal com a cabeça para o ginásio. – Os meninos foram apelidados de Broncos, em referência àqueles cavalos não domados. Tem um pessoal maldoso por aqui que chama o ginásio de fábrica de cola, o lugar para onde vão os cavalos mortos.

Em frente à escola havia uma quadra asfaltada de basquete com quatro cestas. Vó Chapman fez um lance livre e jogou a bola para Pete. Ele tentou um arremesso, errou, e ela o vaiou, empolgada:

– “H”! Você já está com o “H”, garoto!

Ela venceu a primeira partida, fazendo arremessos metódicos numa espécie de gancho espasmódico, mas, depois de se situar melhor, Peter começou a converter as cestas e acabou tendo que se segurar, sentindo-se culpado por dar uma surra tão grande na avó.

– Você vai fazer um sucesso danado por aqui quando chegar a temporada de basquete – disse ela, tentando lançar a bola de fora do círculo.

Peter recuperou a bola perdida.

– Eles têm um time bom?

– Não, faz cinco anos que não ganham uma partida. Mas acho que isso vai mudar.

– Cinco anos! – Peter encaixou um arremesso longo. – Isso é uma desgraça. Você acha que posso entrar no time?

Sua avó inclinou a cabeça, como se ele estivesse fazendo piada:

– É só você aparecer. Qualquer um que tenha bolas pode entrar no time. Estou falando de raça, de firmeza de caráter, de coração.

Peter corou de leve e, quando a avó lhe disse que tinha de voltar para casa e cuidar do jantar, ficou contente por permanecer ali e fazer mais uns arremessos. Os poucos veículos que haviam passado não tinham se mostrado surpresos ao ver aquela senhora maneta de 74 anos batendo bola na tabela de basquete.

A estrada que vinha de Three Forks descrevia uma curva suave ao entrar em Willow Creek e se transformava na Avenida Central, a única via asfaltada naquele vilarejo de fim de mundo. Peter viu montanhas com picos nevados em quase todas as direções, e pareciam imensas. Quanto a Willow Creek, era difícil dizer onde terminavam os campos e as pastagens de gado e começava a cidade. Simplesmente não havia nada lá.

Ele tentou ser positivo, mas estava com raiva, confuso e assustado. Começou a treinar furiosamente, por não saber o que mais fazer: arremesso longo, rebote, bandeja, repetidas vezes, tentando enterrar o rebote e quase conseguindo, ali, naquela quadra externa de uma escola em que, por um capricho do destino, teria que passar seu penúltimo ano do ensino médio. A vida tinha explodido em cima dele, atirando-o naquele lugarejo desolado.

Como em um sonho, lançou a bola num arco gracioso, e o chiado dela ao descer pela cesta se misturou com mugidos de gado e vozes distantes de crianças, vagando no ar seco das montanhas. Peter olhou ao redor, já tramando sua fuga.

CAPÍTULO 3

Faltando poucos dias para o início do ano letivo, Sam Pickett estava trabalhando nos planos de aula diante de sua mesa. Ao fundo, a trilha sonora de *Rocky* tocava no aparelho de som num canto da sala, instigando-o com sua batida.

Ele sentiu o piso tremer e, levantando os olhos, viu Hazel Brown irromper pela sala de aula:

– Sr. Pickett, tem uma coisa que o senhor *precisa* ver.

Hazel estava com o rosto coberto de suor e se esforçava para recuperar o fôlego, como de costume. Sam não diria que ela era obesa, mesmo calculando que a mulher tivesse o dobro do tamanho pretendido por Deus. Diria que ela era *grande*.

– O que é? – perguntou, ansioso por terminar o que estava fazendo antes de ir para casa, e não querendo ser interrompido.

– Uma coisa lá na frente – respondeu ela, com um risinho. – Não vai demorar, Sr. Pickett.

Fazia anos que Sam lhe explicava que ela não precisava tratá-lo por senhor, mas a mulher se recusava a ouvi-lo. Cozinheira da escola, Hazel às vezes ajudava nas tarefas da inspetora, e Sam imaginava que, por sempre escutar os alunos o chamarem de Sr. Pickett, ela se sentia obrigada a fazer o mesmo.

– Não pode esperar até eu sair? Só vai demorar mais uns vinte minutos – disse ele, com uma irritação intencional na voz.

– Aí pode ser que já tenha acabado, Sr. Pickett. É só um minuto.

Ela ficou ali parada, com seus jeans enormes e um moletom que parecia uma barraca, a cabeça ligeiramente inclinada e as mãos gorduchas unidas numa pose de súplica.

– Ah, está bem – rendeu-se Sam, largando a esferográfica na mesa.

Ele empurrou a cadeira para trás e seguiu Hazel para fora da sala, instigado pela trilha de *Rocky*. Ao descer a escada atrás dela, não pôde deixar de se perguntar onde a mulher encontraria jeans daquele tamanho. Na primeira vez que vira Hazel, ele havia recuado, com medo de sentir algum odor corporal desagradável, por causa daquele tamanho todo; em vez disso, sentira um aroma adocicado de balcão de cosméticos, que para ele tornara-se tão característico dela quanto os passos pesados. Desceu a escada na esteira daquela fragrância penetrante e se deu conta de que, se necessário, seria capaz de descobrir o rastro de Hazel na mais absoluta escuridão.

Ela não saiu pela porta de entrada da escola; em vez disso, fez Sam contornar o ginásio e entrar no pequeno refeitório, de onde podiam espiar a quadra asfaltada de basquete sem serem vistos.

– Ali – disse, rindo e apontando para a quadra.

Sam parou ao lado dela e olhou pela janela do refeitório. Lá fora, um garoto que ele nunca tinha visto atacava a cesta, tão empenhado como se sua vida dependesse daquilo.

– Espie só – disse Hazel.

O garoto disparou em direção à tabela, agarrou a bola que quicava e quase a enterrou.

– Vó Chapman me fez prometer que o apresentaria ao senhor. É o neto dela, de Saint Paul.

– Bem, estou muito ocupado... Talvez possa conhecê-lo noutra ocasião – disse Sam, ansioso por voltar ao trabalho, mas sem conseguir desviar os olhos do garoto, que fazia arremesso atrás de arremesso do outro lado da quadra.

– Ora, vamos, Sr. Pickett – insistiu ela, arrastando o corpanzil pela porta do refeitório, em direção à quadra asfaltada.

Sam hesitou por um instante, depois cedeu à curiosidade.

– Peter! – gritou Hazel.

O garoto interrompeu os dribles e se virou para os dois que se aproximavam.

– Peter, este é o Sr. Pickett – apresentou ela e se voltou para Sam. – Sr. Pickett, este é Peter Strong, o neto de Elizabeth Chapman.

Sam parou ao lado de Hazel e estendeu a mão:

– Olá, Peter.

– Oi.

Com o peito arfante e a camiseta encharcada, o garoto cumprimentou-o com um aperto de mão suado. Sam calculou que ele devia ter cerca de 1,80 metro.

– O Sr. Pickett é o nosso treinador de basquete – explicou Hazel, como se isso fosse uma grande honra, em vez de uma acusação medonha.

– Não... Não sou mais. O Sr. Grant vai treinar o time este ano.

– Desde quando? – perguntou Hazel, de cenho franzido, obviamente ressentida por não estar atualizada sobre o que acontecia na escola.

– O que está achando de Willow Creek? – Sam dirigiu-se a Peter, ignorando a pergunta dela.

– Não sei, quer dizer... aqui não tem nada. Eu nunca soube que uma cidade podia morrer e as pessoas continuarem a morar nela – respondeu Peter, tirando o suor da testa com a palma da mão e secando-a nos jeans.

– Como se fossem fantasmas, não é? – disse Sam e riu. – Vai ficar muito tempo aqui?

– Espero que não; minha família só vai resolver umas coisas. Pretendo estar em casa no Natal.

– Não é o que a sua avó diz – interpôs Hazel, em tom defensivo. – Ela falou que você seria mais um aluno da escola este ano.

– Quantos alunos são? – perguntou Peter.

– Dezesete – respondeu Sam.

– *Dezesete?*

– Dezoito – corrigiu Hazel. – Vamos receber um aluno de intercâmbio, um garoto da Noruega.

– Hum. Lá na minha cidade temos mais de quatrocentos alunos só na minha série.

– Bem, foi um prazer conhecê-lo – disse Sam. – Tome cuidado para não virar fantasma enquanto estiver aqui. – Deu um sorriso e foi voltando para a escola.

– Até mais tarde, Peter – despediu-se Hazel, saindo atrás do professor.

Ela o alcançou a meio caminho da escada do segundo andar.

– O que acha, Sr. Pickett? – indagou, arfante.

Sam parou no patamar.

– O que acho de quê?

– Do neto de Vó Chapman. Ele é bem folgado, com certeza.

– Lembra-se da primeira vez que *você viu Willow Creek?*

– Ela me disse que o neto vai passar todo o ano letivo aqui. O senhor acha que ele vai fazer diferença?

Sam subiu um degrau e parou:

– Você quer saber se ele vai ajudar Willow Creek a vencer um jogo? Não, provavelmente não.

– Foi o que eu disse a Elizabeth. Nossa, vai ser preciso mais do que aquele guri. Nem o Magic Johnson seria capaz de vencer um jogo por aqui.

– Bom, ele tem jeito de jogador. Estava no time da escola em Saint Paul?

– Quem ouviu Vó Chapman falar pensa que ele vai para a NBA na semana que vem.

– Bem, de qualquer modo, parece que ele não estará aqui na temporada de basquete.

– Não censuro o senhor por largar o treinamento, Sr. Pickett – disse ela, fitando-o nos olhos por um momento e desviando o rosto. – Não sei como o senhor aguentou tanto tempo.

– É, bem, era uma coisa para se fazer.

Sam deu-lhe as costas e subiu a escada. Sabia que não estava no circuito principal dos fuxicos do vilarejo, o que, aliás, evitava de propósito. Mas, depois de fazer tantas refeições no Blue Willow, o centro nervoso das fofocas da cidade, era impossível não saber um pouco da vida de cada um dos habitantes. Diziam os boatos que Hazel havia crescido em St. Louis com a mãe solteira, nunca se casara, passara vinte anos rodando pelo oeste, servindo mesas e cozinhando, e depois havia aparecido em Willow Creek, fazia dez ou doze anos, e ancorado o trailer de alumínio de 13 metros de comprimento como se tivesse encontrado seu lugar no mundo. Ela precisava se sentir aceita.

No fim do corredor, Sam entrou apressado na sala de aula, onde a trilha sonora de *Rocky* continuou a impulsioná-lo adiante. Dez minutos depois, já tinha voltado ao ritmo de trabalho, revendo, burilando e acrescentando material novo, na tentativa de resgatar a empolgação que um dia sentira ao apresentar os alunos às palavras, à linguagem e à maravilha da magia nos grandes textos.

No entanto, por mais que tentasse ignorá-la, alguma coisa martelava em sua mente. Será que estava aborrecido com Hazel Brown por tê-lo interrompido? Não, não era isso. Seria o que Peter Strong tinha dito? Teria o garoto enxergado a realidade de Willow Creek por trás das aparências? Se o garoto ficasse, o Sr. Grant – com Rob Johnson, da última série – teria dois bons jogadores de basquete com quem trabalhar. No entanto, isso já não dizia respeito a Sam, que tentou tirar o assunto da cabeça e continuar trabalhando em seus planos de aula.

Não funcionou; ele não conseguiu se concentrar, não pôde evitar atravessar o corredor e espiar pela janela a quadra asfaltada lá embaixo, onde o garoto irrequieto partia em fúria contra a cesta como se lutasse para permanecer vivo, como se temesse vir a se transformar, ele também, num fantasma de Willow Creek. Sam se afastou da janela numa agitação repentina, considerando a possibilidade

de ter sido isso que havia acontecido com ele. Será que se transformara num fantasma?

Mais tarde, nessa noite, deitado insone na cama, depois de ler Cervantes até quase duas horas da madrugada, procurou ludibriar sua mente, na tentativa de afastar as assombrações que rondavam a cama feito mariposas silenciosas. Das sombras da memória ouviu a voz de sua mãe: *Trate de subir nesse elefante!*

O elefante, aquele elefantinho cinzento, entrou pisando duro em sua mente, com a lembrança familiar da voz materna: *Trate de subir no elefante, eu paguei um bom dinheiro.*

Fora num reles circo itinerante, em alguma cidadezinha proletária de Indiana, e Sam tinha 6 ou 7 anos. Quando eles tiveram a primeira visão daquela criatura exótica, que andava em círculos numa pequena área cercada por cordas, com crianças alegres no dorso e pais tirando fotografias, Sam quis montá-la. Sua mãe comprou um bilhete. Ele esperou na fila e acabou subindo um ou dois degraus da plataforma usada para as crianças montarem no animal. Os garotos à sua frente estavam subindo e Sam viu que estava no nível do olho do bicho desconhecido. Então notou seus cílios compridos e achou que devia ser uma elefanta. Na mesma hora, o animal o fitou, abrindo lentamente a pálpebra e, de repente, apresentando-lhe uma portinhola para a própria essência da criação. Assustado, Sam fitou o olho escuro e choroso do elefante.

Apesar de muito pequeno, reconheceu de imediato uma tristeza com a qual se identificou, uma tristeza tão aflitiva que o deixou perturbado. Aquilo não era uma ocasião festiva, com crianças risonhas e pais acenando. O elefante estava desolado! Estavam roubando a vida dele! Nunca seria livre para correr pelo mato, brincar com outros elefantes, chapinhar num lago, espadanar água e se divertir. Fora feito refém, confinado àquele pequeno círculo enfadonho, dia após dia, ano após ano, dando voltas intermináveis para que seu dono ganhasse dinheiro. De repente, Sam percebeu a tristeza imensa e carregada de todos os animais da terra cujas vidas eram roubadas, em prol do lucro e da satisfação dos homens. Viu a terrível melancolia no olho do elefante e teve de ir embora.

– Não quero montar! – disse à mãe, num pânico cada vez maior. – Não quero montar!

– Trate de subir aí e montar, porque eu dei um bom dinheiro por esse bilhete.

O empregado do circo esperava com impaciência para ajudá-lo a subir.

– Eu devolvo o dinheiro para você, da minha mesada – pediu Sam, já quase em lágrimas.

– Vai ficar tudo bem – disse-lhe a mãe. – O elefante não vai machucá-lo.

- Eu não...
- Esse elefante bonzinho gosta de meninos e meninas.
- Mas, mamãe...

Ela achou que o filho estava com medo. Mas não estava. Ele só não queria fazer parte do assassinato do elefante.

- Trate de subir *já*, você está empatando todo mundo, vai ficar tudo bem.

Sam montou. Puseram duas crianças atrás dele. Enquanto esperava, inclinou-se para a frente e cochichou na enorme orelha do elefante:

- Desculpe, elefante, desculpe.

Ao apelar desajeitadamente do animal, não conseguiu olhar de novo para aquela janela de sofrimento, como se tivesse participado do roubo da vida do bicho. Desse dia em diante, tornou-se um sobrevivente atento, que evitava a qualquer custo encarar o elefante.

Sam Pickett, professor de inglês e ex-treinador de basquete da Escola de Ensino Médio de Willow Creek, implorou pelo sono na cama amarfanhada. Estava com 36 anos e não tinha a menor ideia de quem era ou do que vinha a ser sua vida. Carregava uma ferida que não conseguia curar.

Cobriu a cabeça com o lençol e lembrou-se do garoto jogando basquete. Sentia-se aliviado por ter rompido a ligação com o time, mas não conseguia se livrar da vergonha inevitável de um traidor.

CAPÍTULO 4

Mervin Painter parou na entrada da garagem, esperando que Claire, sua mulher, terminasse de se aprontar, coisa a que já havia se acostumado em seus 31 anos de casamento. Correu os olhos pelo rancho e as lembranças voltaram à sua mente: a cabana de barro original, construída por seu avô na época em que ele se instalara no local como colono, já destruída; a casa de dois andares e estrutura de madeira em que Mervin tinha crescido, agora vazia; e, atrás dele, a residência térrea em estilo casa de fazenda, feita de tijolos e revestida de cedro, para a qual eles haviam se mudado quando as meninas estavam na faculdade.

Refletiu sobre como tinha disfarçado bem o seu vulcão interior, certo de que os vizinhos e a população de Willow Creek o viam como um homem sereno e paciente, que enfrentava a vida com determinação, de forma tranquila, enquanto, por dentro, sob aquela aparência calma, ele lutava contra sentimentos não resolvidos de pesar, remorso e fúria. Mas nunca os deixaria transparecer, nunca

daria esse prazer a seu irmão mais velho nem aturdiria sua mulher, que não desconfiava de nada.

Dos dois irmãos, ele tinha sido o filho leal, que permanecera ali e trabalhara a terra lado a lado com o pai. Na época, tinha uma namorada, Maggie Swanson, e todas as pessoas da comunidade imaginavam que um dia eles se casariam. Fizeram planos. Mervin aguardava o momento de poder construir uma casa simples para os dois no rancho; havia assistido aos desastres que aconteciam quando um casal decidia morar na casa dos pais.

Mesmo a apenas dezenas de metros de distância já era complicado.

Ter Maggie como namorada era a única proeza em que Mervin se saíra melhor do que Carl, o irmão mais velho. Carl nunca ficava com uma garota por mais de algumas semanas, parecia incapaz de se acertar com alguém. Bebia demais, fora pego várias vezes dirigindo embriagado e parecia não conseguir “se encontrar”.

Os rumores de brigas violentas e farras generalizadas corriam pelo vale e entristeciam seu pai. Então, ao completar 21 anos, Carl fora embora, a vadiar pelo mundo – Austrália, México, Alasca –, escrevendo de portos distantes e pedindo dinheiro ao pai, que sempre lhe mandava, na esperança de que o filho acabasse voltando para casa e se instalando na terra. Mervin rezava para que não voltasse.

Carl não fora um bom irmão, um camarada ou companheiro com quem se pudesse contar. Três anos mais velho, sempre fisicamente maior, era mesquinho e violento, batia em Mervin quando o caçula não fazia o que ele mandava. Um soco no estômago, um nariz sangrando e, em varias ocasiões, Carl o deixara inconsciente. Mervin nunca o delatava. Aprendeu a ficar longe do irmão briguento, à espera do momento em que crescesse o bastante para enfrentá-lo e, mesmo não lhe dando uma surra, fizesse pelo menos um estrago suficiente para ele sair mancando, com o próprio sangue pingando no chão. Mais ou menos na época em que Mervin ganhou peso e músculos suficientes para encarar o irmão, Carl partiu para suas viagens pelo mundo, “entregue às loucuras da mocidade”, como dizia o povo de Willow Creek. Circularam boatos de que sua partida repentina tivera algo a ver com uma encrenca séria em que ele se metera, na ânsia de abarcar o mundo com as pernas.

Mais de um ano depois, Carl regressou ao vale, mas não foi para casa: ficou com amigos e só passava por lá rapidamente, para dar um alô e pegar um ou outro objeto pessoal, como se temesse ficar preso na terra. Parecia ter dinheiro. As pessoas o viam no Blue Willow e cruzavam com ele, circulando de um lado para o outro em sua nova picape.

Um dia, Dennis Reed disse a Mervin que tinha visto Carl com Maggie na picape. Mervin cambaleou ao levar esse golpe no coração. *Maggie com Carl! Sua garota, sua amada, sua vida.* Feito um louco, saiu à procura do irmão, disposto a dilacerá-lo com as próprias mãos. Vasculhou em todos os lugares que pôde imaginar, dirigindo desesperadamente por estradas secundárias até uma hora da manhã, mas não o encontrou.

Correu à casa da família de Maggie, a oeste da cidade, e acordou os pais dela, que descobriram que a moça não estava na cama. Mervin esperou em sua picape até 5h15 da manhã, quando ela chegou, dirigindo seu automóvel.

Sentada no carro, ela se recusou a contar onde estava Carl, mas fez Mervin se acalmar e lhe disse repetidas vezes o quanto lamentava aquilo tudo. Mervin sentiu-se esperançoso, achou que ela queria fazer as pazes. E então Maggie lhe disse que ainda o amava, mas ia se casar com Carl. Os golpes continuavam a acertá-lo, o irmão estava lhe dando outra surra. Mervin implorou, não era tarde demais, eles podiam superar aquilo e seguir adiante com seus planos. Não, não podiam, ela estava grávida.

Mervin perdeu o fôlego. Eles tinham resistido bravamente para esperar o casamento antes de fazerem amor, mesmo já tendo dado uns bons amassos lá pelos lados da ponte do rio Jefferson. Maggie dizia que queria se manter virgem até a noite de núpcias e, embora ele gostasse da ideia, tentara muitas vezes persuadi-la, sem sucesso. Fazia um ou dois meses que seu irmão mais velho tinha voltado e ela já se deitara com ele, na picape ou em algum jirau de celeiro, tirara as calcinhas e se abriu para ele! Mervin procurou bloquear essa imagem da sua mente, com medo de enlouquecer.

Nunca mais lhe dirigiu a palavra. Foi embora sem olhar para trás, sentindo os punhos do irmão destruírem alguma coisa em seu peito. Não conseguia respirar, pensou que fosse morrer sufocado. O sol nascia quando ele entrou na estrada do rancho. Quando os pais lhe perguntaram onde estivera, não respondeu. Tomou um banho, saiu e trabalhou feito um louco, sem comer nem beber nada, até muito depois de escurecer.

Carl e Maggie se casaram dez dias depois e se mudaram para uma casa com os avós dela, perto de Churchill. Carl deu duro trabalhando no rancho, eles tiveram três filhos e, poucos anos depois, os avós de Maggie faleceram, deixando a propriedade para o jovem casal.

Mervin conheceu Claire no verão seguinte, no casamento de um amigo em Livingston, e um ano depois eles se casaram. Nunca sentiu por Claire o mesmo que sentira por Maggie. Passou anos se torturando por não ter se casado com a

namorada enquanto Carl estava fora, e se culpou severamente por não ter engolido o orgulho e dito a Maggie que não tinha importância ela estar grávida, que se casaria com ela assim mesmo e criaria o filho como se fosse deles. Sempre se perguntou o que ela teria dito. Será que se sentira presa numa armadilha, sem alternativa senão casar-se com Carl? Teria sido seduzida, em sua santa inocência, pelo irmão mundano de Mervin, embora realmente amasse o namorado, afinal? Mervin nunca saberia.

Parado na entrada da garagem, ele não conseguia ordenar seus sentimentos.

Sabia que ainda amava Maggie, como jamais amaria ninguém. E sabia que nunca faria nada que magoasse Claire, a meiga e infantil Claire. Ao longo de todas as formaturas e todos os casamentos dos primos, ele conseguira evitar qualquer conversa particular com Maggie, mas sabia que seu irmão ainda bebia e, em algumas ocasiões, pensou ver tristeza nos olhos dela e a sombra de uma mancha roxa em seu rosto encantador.

Ao se aposentar, o pai de Mervin legou a casa da família ao caçula, devendo a parte de Carl ser-lhe paga em dinheiro quando o pai falecesse. Mas o que irritou Mervin profundamente foi o pai ter dado a Carl o velho trator “D” da John Deere, uma herança transmitida de pai para filho fazia três gerações. Mervin acreditava merecer o trator, como o filho que tinha permanecido em casa e começado a trabalhar com o pai na propriedade no dia em que se formara no ensino médio, o filho que sempre fizera tudo o que o pai pedia. Aquele era um direito do filho mais velho a que Carl havia renunciado.

O “D” era o primeiro trator que seu avô possuía. Usara-o por poucos anos, depois tinha comprado uma máquina mais potente e versátil. Como nunca pudera dispor-se a dá-lo de entrada na compra de novos equipamentos, o trator se tornara uma espécie de velho e fiel burro de carga que tinha um lugar especial reservado no coração do avô. Desde então, o “D” era guardado num galpão de equipamentos, protegido das intempéries, e era “uma raridade”, como costumava dizer o pai de Mervin. Carl só o exibia em desfiles, exposições de antiguidades e eventos similares, como um valioso brasão de família. Devia ter ido para o caçula.

Dali em diante, Mervin chegou a um ponto em que não conseguia permanecer na igreja no domingo em que o texto de leitura era “O filho pródigo”. Seu pai tinha mandado matar o novilho cevado na volta do filho rebelde, só que o que lhe dera tinha sido o trator, como prova de que o havia perdoado e o recebia de volta de braços abertos. Mervin se fingia indisposto ou achava outra desculpa para sair, quando dava uma olhadela no boletim e via que

Lucas 15:11-32 seria a base do sermão do pastor. De jeito nenhum ele ia voltar a se submeter àquilo.

*Filho, tu sempre estás comigo,
E tudo o que é meu é teu.
Mas era preciso nos regozijarmos e comemorarmos,
Porque esse teu irmão estava morto e reviveu,
Estava perdido e foi achado.*

Por que o filho da puta não continuara perdido?

Mervin virou-se para trás e olhou para a bela casa de fazenda que havia construído, percebendo que Claire deveria sair a qualquer momento. Ao longo dos anos, tentara deixar as feridas cicatrizarem, superar a dor e o desapontamento, aquela história toda, e até certo ponto havia conseguido. Mas, como que por obra do destino, os meninos de Carl foram estudar na Manhattan Christian, uma escola particular do pequeno vilarejo de Churchill com um sólido programa de basquete e um suprimento interminável de bons jogadores, enquanto as meninas de Mervin foram para a Willow Creek, uma escola que tinha dificuldade de achar seis ou sete garotos para o time e não vencera um único jogo nos últimos tempos. E todo ano, no relacionamento frio e contido entre os dois, ele e Carl apostavam 5 dólares no jogo. Não era pelo dinheiro, mas Mervin estava farto de ser derrotado pelo irmão mais velho, e os dois jogos anuais entre seus times só faziam esfregar sal em antigas feridas, levando-o a recordar que tinha perdido de novo – perdera Maggie, perdera a vida que havia planejado, perdera o maldito trator.

Claire saiu de casa com sua melhor roupa de domingo e acenou ao entrar no Ford cinza. Mervin consultou o relógio e correu para o carro. Iam buscar o aluno de intercâmbio no aeroporto, que ficava nos arredores de Bozeman. Tinham concebido e criado quatro filhas e, depois do quarteto, haviam desistido da esperança e de qualquer outra tentativa de gerar um Painter varão. Aceitaram a herança do basquete da cidade com garra e uma boa dose de culpa, por não terem produzido nenhum menino para levantar do esterco a bandeira de Willow Creek. Suas filhas tinham sido bem-sucedidas no exterior, e duas delas foram estudantes de intercâmbio, uma passando um ano na Espanha, a outra, um ano no Brasil.

Sendo uma pessoa justa, Claire se sentira obrigada a se oferecer como família anfitriã a algum jovem que quisesse visitar os Estados Unidos, para um ano de estudos e choque cultural em Willow Creek. E, assim, um garoto da Noruega, Olaf

Gustafson, ia atravessar o Atlântico e boa parte dos Estados Unidos para passar o ano letivo na terra em que três gerações dos Painters se propuseram ganhar a vida, criando gado nesse lugar promissor e inconstante de Montana. Mervin achou que isso era o mínimo que podiam fazer, agora que as filhas estavam casadas e espalhadas pelo país.

Ele haviam trocado cartas e recebido uma pilha de informações sobre Olaf – idade, condições de saúde, histórico escolar, passatempos, tudo, inclusive uma foto do menino, sozinho, em frente a sua casa em Oslo. Claire disse que ele parecia meio magrelo e que seria preciso engordá-lo um pouco. Mas nem ela nem Mervin, nem ninguém da secretaria da escola, havia prestado atenção às informações transmitidas no sistema métrico, ou tentado convertê-las em seus equivalentes norte-americanos.

O voo não atrasou e o reluzente 727 da Northwest deslizou suavemente até o portão de desembarque. Claire compartilhou sua aflição, deslocando o peso do corpo de um pé para o outro e torcendo as mãos:

– No que estamos nos metendo? E se ele ficar infeliz, e for desbocado e grosseiro? E se criar problemas, beber e se meter em brigas?

Os passageiros começaram a sair do portão: homens, mulheres, crianças, toda sorte de pessoas de aparência comum. Claire segurava com força o instantâneo da identificação e mantinha um sorriso nervoso, as rugas do rosto redondo de porcelana parecendo rachaduras criadas por aquela expressão eterna – um sorriso que Mervin presumia como líquido e certo, sabendo que era o jeito de Claire enfrentar as incertezas da vida, certo de que ela, ainda que tivesse o braço direito mutilado pela enfardadeira, seria capaz de exibir aquele sorriso aberto.

– E se ele tiver perdido uma conexão? – perguntou ela.

– Ainda há umas pessoas saindo.

E então, abaixando-se ao cruzar o portão, com enormes olhos azuis e cabelo cor de palha, apareceu Olaf, segurando uma mochila e exibindo um sorriso luminoso de menino.

– A cama! – exclamou Claire. – O que vamos fazer com a cama?

Deram um passo à frente quando o rapaz saiu da área de desembarque de passageiros, separada por uma corda.

– Olaf? – disse Claire, com voz incrédula.

– Ya, olá. Vocês são os Painters?

– Sim – respondeu ela.

Mervin apenas ficou parado feito um toco de árvore, com as possibilidades fantásticas passando em disparada por sua mente.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e
poderá participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br